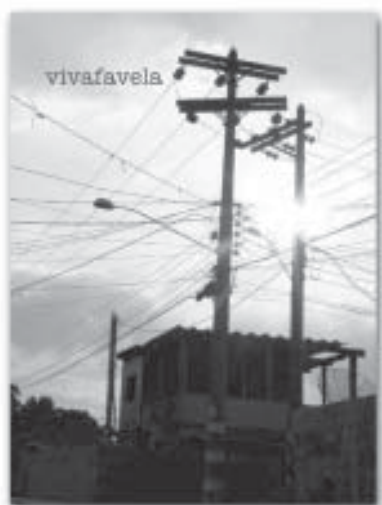




DEMOCRACIA VIVA 42

MAIO 2009





Viva Favela

Editora Olhares
120 págs.

Lançado no dia 31 de março, na Livraria Folha Seca, no Centro do Rio de Janeiro, o livro *Viva Favela* é composto por cerca de 50 fotografias retiradas do acervo de quase 50 mil imagens de favelas cariocas, produzidas desde 2001 por correspondentes comunitários do portal Viva Favela. As imagens revelam uma favela desmistificada, na qual não predomina o lado espetacular, normalmente explorado pela imprensa, nem a visão estereotipada, comum àqueles que não conhecem a realidade das favelas e propagam o preconceito e o distanciamento. Nas palavras de Zuenir Ventura, que escreveu o prefácio, as fotografias do *Viva Favela* “substituem a velha atitude generosa, mas paternalista e distante, por um olhar natural, de dentro, sem estranhamento etnocêntrico”. A edição do material foi realizada pelo Viva Rio, em parceria com a Editora Olhares, para a ocasião das comemorações dos 15 anos da ONG.

As imagens presentes no livro foram feitas por sete correspondentes comunitários do Viva Favela, isto é, jovens moradores de favelas cariocas que foram treinados como fotógrafos para registrar o cotidiano das suas comunidades. A princípio, cada correspondente era responsável por registrar a sua comunidade, mas logo decidiram que registrariam também outras favelas, resultando nesse variado panorama das favelas cariocas presente no livro. Deise Lane, do Complexo da Maré; Nando Dias, da Rocinha; Rodrigues Moura, do Complexo do Alemão; Tony Barros, da Cidade de Deus; Walter Mesquita, ex-correspondente de Queimados e atual editor de fotografia do portal; além das ex-editoras Kita Pedroza e Sandra Delgado são os fotógrafos que registraram o dia a dia em favelas como Rocinha, Mangueira, Morro do Cavalão (Niterói), Cidade de Deus, Queimados, Cantagalo, Complexo da Maré, Complexo do Alemão, Carangueijo, Pavão/Pavãozinho, Morro da Providência, Salgueiro, Morro da Formiga, Morro Santa Marta, entre outros.

As lentes dos fotógrafos buscam a beleza e a poesia na simplicidade do cotidiano das comunidades e mostram que favela é muito mais que miséria, violência e narcotráfico, sem, no entanto, deixar de lado os problemas das comunidades, servindo também como ferramenta de denúncia. Em outras palavras, valoriza-se o aspecto humano das favelas: as alegrias, as dificuldades, as tristezas e as manifestações culturais do cotidiano dos moradores de favelas, uma realidade muitas vezes desconhecida pelos moradores do asfalto. Crianças brincando, mulheres trabalhando, jovens dançando no baile *funk*, a tristeza daqueles que perderam filhos na chacina da Baixada, um muro repleto de buracos de balas, resultado

de conflitos entre traficantes e policiais, e o sincretismo religioso brasileiro são alguns dos temas retratados.

Grande parte das fotografias que compõem o livro integrou a exposição itinerante *Moro na Favela*, que foi fruto do *Open Society Institute Documentary Photography Distribution Grant*, prêmio internacional de estímulo à fotografia documental acerca dos direitos humanos, conquistado pelo Viva Favela em 2005, em Nova Iorque. Durante um ano, a exposição percorreu as comunidades



NANDO DIAS



TONY BARROS



WALTER MESQUITA

cariocas, levando de volta para os lugares onde foram feitas as imagens premiadas em âmbito internacional.

Além das fotografias, integram o livro *Viva Favela* artigos (em versão bilíngüe – português e inglês) do diretor executivo do Viva Rio, Rubem César Fernandes, dos responsáveis pelo projeto editorial, Otávio Nazareth e Mayra Jucá, que também é coordenadora do Viva Favela, e do professor da *New York University* e da *The New School University*, Peter Lucas.

A coordenadora do portal Viva Favela relembra a sua inauguração, o primeiro portal da internet totalmente dedicado ao cotidiano dos moradores das favelas do Rio de Janeiro, em 2001. A iniciativa, segundo Mayra, partiu do estímulo de moradores de favelas que buscaram o apoio do Viva Rio para tentar mudar a forma como eram retratados pela imprensa. “Através do projeto, surgiram, pela primeira vez na internet, reportagens fartamente ilustradas e ensaios fotográficos que contribuíam para aproximar, desmistificar, instigar a curiosidade dos ‘de fora’ e restaurar a autoestima dos ‘de dentro’ da favela”, explica.

Em seu artigo, Peter Lucas reforça a posição da coordenadora do Viva Favela, ao defender que o portal não é apenas uma revista *online* sobre as comunidades cariocas, mas sim uma espécie de ponte virtual que busca encurtar as distâncias entre as realidades da favela e do asfalto, sem depender da mídia: “É parte de um movimento internacional de inclusão visual para transformar a mídia dominante. Um de seus objetivos é influenciar a maneira como a grande imprensa retrata as favelas”, escreve.

Graciela Bittencourt

Jornalista, assessora de imprensa do Viva Rio
Pedidos: <www.editoraolhares.com.br>



Quilombos – Geografia africana, cartografia étnica e territórios tradicionais

*Rafael Sanzio Araújo dos Anjos
Editora Mapas & Consultoria
190 págs.*

A criatividade e a perfeição talvez sejam as paixões do autor Rafael do Anjos. Estas ele as utiliza na riqueza dos resultados da pesquisa que deu origem ao livro e na qualidade da exposição que nos põe diante de um catálogo de arte sobre a ancestralidade africana e sua espacialidade no Brasil na qual o livro se transformou. O autor é geógrafo por formação e por paixão, ver e ler esse trabalho nos faz refletir sobre dois fatos importantes. O primeiro é sobre a pluralidade da formação do autor, que

transita do planejamento regional e urbano às utilizações das novas tecnologias da cartografia, passando pela história e antropologia como subsídios do trabalho de pesquisa. Vendo e lendo livro algum, catálogo de arte com expressões da geografia cultural, o trabalho nos remete a um segundo pensamento, que a geografia no Brasil tem uma feliz ancestralidade que Rafael dos Anjos bem preserva.

Olhando o trabalho, me lembra as ricas ilustrações e destreza da cartografia e geografia de gênio intelectual de Theodoro Sampaio do século retratado nesse livro. Vendo os refinamentos de detalhes etnográficos me lembra o piauiense Julio Romão da Silva. Andando pela densidade teórica do texto, mas pela simplicidade e clareza da exposição, temos o pensamento em Milton Santos. É livro bonito, bem escrito, com uma composição gráfica impecável, onde o texto baila como uma explosão de fotografias e mapas que nos permite uma viagem pela história e pelos ambientes geográficos de origem da população africana que transplantam para o Brasil e suas expansões. Atesta que o africano, apesar de submetido ao escravismo criminoso, colonizou o Brasil com as suas bagagens culturais e econômicas, dando origens a ciclos das economias agrícolas, mineradoras e pecuárias brasileiros.

A introdução ao texto, feita em cinco línguas, das quais se destaca o *Kikongo*, da região de Angola, Congo, bem explica o projeto da obra, nos abre para o Brasil como território constituído pelas matrizes africanas, noções não muito usuais nas ciências humanas brasileiras, mas de

preciosa referência para quem queira compreender a complexidade da nossa formação social e econômica. A geografia como ciência dos territórios, nas suas dimensões múltiplas inter-relacionadas, processando a cultura, a política, a economia, e produzindo povos expressivos pelas suas identidades. Todas essas dimensões postuladas numa amálgama da fotografia, da cartografia e do texto como suportes de expressão e reflexão. São os desenhos da nação impostos pela expansão econômica escravista. Mas as reações impostas pelos signos da liberdade na constituição de um enorme legado quilombola, de uma diversidade de formas de morar, construir e se inscrever nos espaços geográficos.

Em suma, retomando a tese do antropólogo Frances Roger Bastides, o Brasil é um território de contrastes e complexidades. O texto é uma memória histórica e geográfica da saga das matrizes africanas no território brasileiro. Um texto que serve de referência para diversos públicos e que comporta diversos olhares. Temos nesse livro uma contribuição muitíssimo bem-vinda para introdução da história e cultura africana e afrodescendente nos vários graus educacionais, desde o fundamental ao ensino universitário.

Dadas as apresentações das imagens textuais de África e Brasil, vendo, lendo e relendo esse livro de Rafael, as minhas inspirações viajaram pelos textos literários da *Casa D'água*, do escritor Antonio Olinto, que faz a mesma viagem de Rafael no sentido inverso, indo do interior do Brasil, na saga de mulheres negras, para o interior da África, explorando os conteúdos das

falas e dos cheiros. Aqui, Rafael dos Anjos na literatura da imagem cartográfica-fotográfica nos traz a poesia do concreto da África para o Brasil, em sequências temporais territoriais.

Do texto, por fim, aprendemos as tipologias das construções e das diferenciações de vilas quilombolas, produzindo uma rica possibilidade de reflexão para os cursos de arquitetura e urbanismo brasileiro que têm uma dificuldade em expor o fator humano da moradia e da racionalidade do espaço construído numa perspectiva de Brasil. Rafael nos remete muito mais além, via uma perspectiva da espacialidade afro-brasileira.

O trabalho encontrado neste livro-catálogo de referência encanta os leitores e pode ser tido como referência obrigatória para compreensão da história e cultura brasileira.

Henrique Cunha Junior

Professor titular do Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará
Pedidos: <quilombo@unb.br>